

A melancolia na prosa brasileira contemporânea

[Fabíola Simão Padilha Trefzger](#)

Resumo

A “melancolia afirmativa” nasce com o vazio aberto pela derrocada de uma perspectiva ontoteleológica, franqueando a reversão de antigos dogmas de caráter essencialista. A prosa brasileira contemporânea, afinada com esse horizonte antimetafísico, desbrava caminhos que apontam uma profícua via de criação estética, marcadamente irônica e auto-reflexiva.

Palavras-chave: Melancolia. Auto-reflexão. Ironia. Prosa brasileira contemporânea.

A melancolia que viceja no âmbito da prosa brasileira contemporânea, recorte cujo início se localizaria nas três últimas décadas do século XX, irrompe como um “sintoma” de uma época que testemunha “a incredulidade em relação aos metarrelatos” e a conseqüente deslegitimação desse dispositivo metanarrativo (LYOTARD, 1998, p. xvi).

A derrocada de conceitos pretensamente universalizantes e hegemônicos, pautados no cientificismo oitocentista, afiançou a emergência de um desconcertante, porém estimulante, vazio. Esse vazio gerado pela perda dos referenciais que sustentavam a ilusão de um mundo governado por verdades imperecíveis engendraria, por seu turno, um sentimento ambíguo, em que o estado lutuoso conjugar-se-ia com o desejo de representação desse vazio, circunscrevendo um binômio cuja súmula o termo alemão *Trauerspiel* traduz (*Trauer*: luto; *Spiel*: jogo, representação). Ou seja, a tentativa de superação desse vazio não implicaria a busca por um novo paradigma discursivo mais eficiente, um substituto capaz de renovar o afã ontoteleológico sob o qual repousam as aspirações de cunho dogmático. Superar o vazio aberto pelo desmoronamento da crença na eficácia de uma visão metafísica do mundo implicaria, contrariamente, o confronto com um cenário de ruínas e escombros. Face a esse cenário, a restauração da antiga forma não mais seria motivada por um apelo de reconstituição de um (im)provável modelo original, objetivando recuperar o elo que o cinge à cadeia dos acontecimentos vistos historicamente segundo a ótica da causalidade e da linearidade cronológica. Mas seria imbuída de um olhar comprometido com a reconstrução de um mundo *originariamente* fragmentado, que, contemplado pelo melancólico, só pode se revelar como incompleto e inacabado, perpetuamente *in progress*.

Tal procedimento de reconstrução reivindica, por sua vez, o redimensionamento das prerrogativas que orientam a concepção de história como um *continuum*, equacionadas pelos postulados historicistas.

Em suas “Teses sobre o conceito de história”, Walter Benjamin se insurge contra o Historicismo, cuja pretensão reside na assimilação do passado “como ele de fato foi”

(BENJAMIN, 1994, p. 224). A aproximação entre passado e presente, nesse caso, baseia-se no método da "empatia", fundado sobre um eixo fusional que subsume as diferenças temporais, ignorando a distância histórica que lhes é intrínseca. Essa manobra ocorreria pela intermediação da idéia de "eterno humano", espécie de estratégia que facultaria ao historiador, conforme supunha, projetar-se no passado, adotando a perspectiva desse tempo pretérito para capturar de modo mais preciso seus aspectos idiossincráticos. Como esclarece Georg Otte, esta fusão "parte do pressuposto de uma identidade humana atemporal, que permitiria ao historiador deslocar-se livremente de uma época para outra, como se ele e seus conceitos fossem isentos de qualquer condicionamento histórico" (OTTE, 1994, p. 30). É contra essa aderência inconcussa do historiador, que acreditava poder desembaraçar-se de suas próprias marcas históricas para abraçar o passado "como ele de fato foi", que se opõe então Benjamin.

É tarefa atribuída ao melancólico a liberação do passado dessa imposição totalizante e redutora, em que a apreensão do particular é preterida em nome da monumentalidade do universal. Para o homem melancólico, o mundo, dominado pelo signo da morte, reclama o gesto de restauração das ruínas, gesto que permite resgatá-las de sua inércia, desbravando, com isso, sendas capazes de descortinar uma região favorável de modo a "criar pelo menos a possibilidade para a constituição de algo positivo" (OTTE, 1994, p. 34).

Essa perspectiva estabelece o ponto de partida para o que propomos chamar aqui de "melancolia afirmativa". A noção de "melancolia afirmativa", por nós defendida, filia-se a esse impulso restaurador, que abre um campo infinito de possibilidades de se repensar a nossa própria condição histórica, em termos não deterministas. Não pretendemos, com esse sinal adjacente, que *suplementa* o termo melancolia, aderir a um regime de oposições que conferiria à afecção um "valor de verdade", atribuindo-lhe uma qualidade *essencial*. A afirmatividade anexada constitui um expediente diferencial, que faz a melancolia distanciar-se da pecha de pessimista, depressiva, mórbida – designações comumente recrutadas para recortarem um certo estereótipo da afecção. Tampouco aspiramos à instauração de um conceito que circunscreveria o que denominamos de "melancolia afirmativa". A emergência da afecção, neste caso, traduz um "efeito da falta", desdobrado na escrita, não constituindo um dispositivo categorial externo e preexistente, tanto ao ato de ler como ao de escrever. A "melancolia afirmativa" reflete um modo de se fazer literatura, hoje, como um exercício performático, auto-reflexivo, que põe em cena um certo horizonte de leitura.

A história que cabe ao melancólico registrar busca apreender o passado "como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido" (BENJAMIN, 1994, p. 224). Em cada recorte que elege, o melancólico manipula o fragmento sabendo-o perecível, ciente da substância fugaz de que é feito, pois a história a ser escrita, como argumenta Jeanne Marie Gagnebin, "só pode ser verdadeira narração e verdadeiro advir se nossos atos e nossas palavras forem penetrados pela finitude e pelo deperecimento, portanto preciosamente únicos, insubstituíveis, *atuais*, sem o consolo da imortalidade" (GAGNEBIN, 2004, p. 94).

É nesse contexto que vemos assomar o caráter ambivalente da melancolia, concentrando, de um lado, a subtração da transcendência, descortinando um mundo povoado de escombros e governado pela presença da morte, e, de outro, o impulso restaurador, motivado pelo desejo de reordenação dos fragmentos, não vinculado, porém, ao empreendimento de recuperação de uma suposta forma original perdida.

A ambigüidade dilemática da melancolia consiste nessa tensão permanente entre a perda do Sentido e os inúmeros sentidos da perda, cuja "dinâmica vertiginosa" afasta-se da idéia de um "sentido originário, único e seguro". A multiplicação dos sentidos alia-se à inexorabilidade desse impossível retorno a uma origem retida no passado.

A melancolia destes nossos tempos emerge como consciência aguda de uma época de luto e incertezas, como expressão de um cenário de ruínas e escombros, que reclama contudo o gesto imperativo – ético e estético – de releitura e reconstrução dos fragmentos que repousam em desordenada dispersão na paisagem contemporânea. A pertinência de trazer à tona o tema da melancolia neste princípio de milênio apóia-se na verificação do modo específico como uma parcela significativa da literatura brasileira recente traduz, com as lentes da ironia crítica, o estado geral de luto que nos enreda.

Um dos sintomas que percebemos agudamente disseminado na prosa brasileira contemporânea consiste na encenação dessa postura crítica, notadamente melancólica (melancolia, vale ressaltar, emancipada de uma tendência depressiva, inclinada à inação e à perda de interesse pelo mundo), que não raro resvala no exercício auto-representativo.

Em *Barco a seco*, por exemplo, romance de Rubens Figueiredo, deparamos com um narrador que experimenta o conflito vivenciado pelo melancólico em seu ensejo inglório de modelar uma identidade para si, construída a partir da busca de enlace fusional com o outro, encenando um movimento agonístico que desemboca na impossibilidade de definir contornos nítidos – tanto de si como do outro. O vazio detectado no eu não se pacifica nesse projeto de assimilação, pois esbarra justamente na alteridade irreductível representada pelo outro. Ao mesmo tempo, a procura por traçar um perfil, ancorando uma imagem na qual o melancólico se reconheça, denuncia seu esforço em edificar *arbitrariamente* algo como um eu, ainda que esse eu retrate uma figura vaga, difusa, insuficiente. É esse o paradoxo enfrentado pelo melancólico: a busca de superação do vazio de sentido só se realiza enquanto movimento em direção aos possíveis sentidos do vazio. Um vazio desidealizado, sem ontologia. Apenas promessa de não-vazio, que a demanda de sentidos inspira.

Uma outra obra significativa – *O falso mentiroso: memórias*, de Silviano Santiago, também se ergue sobre a mesma duplicidade verificada acima, tensionando, sem síntese dialética possível, lacunas e significações. No entanto, diferentemente de *Barco a seco*, em que o narrador se debate pela defesa de uma Verdade localizada na origem, *O falso mentiroso: memórias* adota o vazio como condição essencial para sua constituição assumidamente plural, protéica. Dessa forma, o movimento de desconstrução e construção, inerente à afecção melancólica, ensaia a dispersão do eu, por meio da incorporação voraz de eus desdobráveis, afastando assim qualquer desejo de retrocesso à origem, desinvestindo a verdade de sua pretensão idealizante.

Se Gaspar Dias, narrador de Figueiredo, ao tentar imprimir feição ao eu, termina por confrontar-se com o não-eu – a imagem precária e inacabada que o reflete –, Samuel, o pícaro personagem de Santiago, elege o não-eu como princípio e fim de seu auto-retrato. Ambos, porém, se tangenciam no ponto exato em que a construção das respectivas narrativas equivale à tradução de um certo modo de se conceber a literatura contemporânea – como um eu que se vislumbra no ato de "saltar-por-sobre-si-mesmo" (NOVALIS, 2001, p. 152), refletindo(-se) numa miríade de textos que se entrecruzam. Como afirma Márcio Seligmann-Silva:

O modelo do 'eu' como aquele que põe a si mesmo, a partir de si mesmo – a partir do desdobramento do 'eu' num 'não-eu' –, corresponde ao modelo da tradução e da literatura de um modo geral, como uma cadeia infinita de textos, leituras, traduções, reescrituras e releituras (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 187).

A narrativa de Figueiredo e a de Santiago emergem, pois, como tradução alegórica de uma espécie de ficção eminentemente auto-reflexiva, que se interroga, ao mesmo tempo em que se afirma, inscrevendo-se sob o nome tutelar da melancolia.

O direcionamento para o outro, trajetória marcada pelo desejo *do* outro, verificado em ambas as obras, é ele mesmo impulsionado pela afecção melancólica, na medida em que nos conduz à reflexão do que nomeamos como eu e outro. Conforme pontua Lévinas: "A relação com o Outro questiona-me, esvazia-me de mim mesmo e não cessa de esvaziar-me, descobrindo-me possibilidades sempre novas" (LÉVINAS, 1993, p. 49). E posto que se trata de desejo, permanece sempre na esfera do porvir, do que não se realiza, mas se mantém em perpétuo movimento, sendo portanto da ordem da apetência. Citando ainda Lévinas: "O Desejável não preenche meu Desejo, mas aprofunda-o, alimentando-me, de alguma forma, de novas fomes" (LÉVINAS, 1993, p. 49).

A "melancolia afirmativa" designa indubitáveis vínculos com o contexto histórico sobre o qual se planta, um contexto feito de ruínas, posto que testemunha a falência do reinado da Verdade, em suas mais variadas roupagens. Ou, ainda, um contexto *feito* ruínas, em que, não sendo mais possível pensar o resgate de uma ordem anterior, íntegra e imutável, vemos tomar assento o exercício laborioso da tradução, a partir mesmo de seu elemento constitutivo – a perda, deflagrando um movimento que desemboca na tradução da própria perda: de si e do outro, num gesto extremo e necessário de abandono de pretensas identidades. Gesto que potencializa o ato de criação – também de si e do outro. Ampliando o espectro da tradução, recorreremos a Wander Melo Miranda, para quem "traduzir é marcar intervalos e passagens, ultrapassar fronteiras e alargar limites" (MIRANDA, 2000, p. 68). Neste limiar de um século ainda em sua aurora, essa é a tarefa conferida ao melancólico.

Résumé

La "mélancolie affirmative" naît avec le vide ouvert par la chute d'anciens dogmes de caractère essentiel. La prose brésilienne contemporaine, accordée avec cet horizon anti-métaphysique, défriche des chemins qui signalent une profitable voie de création esthétique, foncièrement ironique et auto-réfléchie.

Mots-clés: Mélancolie. Autoréflexion. Ironie. Prose brésilienne contemporaine.

Referências

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 222-232. (Obras escolhidas, v. 1).

BLOOM, Harold. *A angústia da influência: uma teoria da poesia*. Trad. Arthur Nestrovski. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

FIGUEIREDO, Rubens. *Barco a seco*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

LÉVINAS, Emmanuel. *Humanismo do outro homem*. Trad. Pergentino S. Pivatto (Coord.) et al. Petrópolis: Vozes, 1993.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Trad. Ricardo Corrêa Barbosa. 5 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

MIRANDA, Wander Melo. Invenções de arquivo, máquinas de ficção. *Semear: Revista da Cátedra Padre Antônio Vieira de Estudos Portugueses*, Rio de Janeiro, Nau, n. 4, p. 59-68, 2000.

NOVALIS. *Pólen*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. 2 ed. São Paulo: Iluminuras, 2001.

OTTE, Georg. *Linha, choque e mônada: tempo e espaço na obra tardia de Walter Benjamin*. 1994. 280 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – FALE/UFMG, Belo Horizonte, 1994.

SANTIAGO, Silviano. *O falso mentiroso: memórias*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *O local da diferença: ensaios sobre memória, arte e tradução*. São Paulo: Ed. 34, 2005.